



Eixo 1 – Não deixar ninguém para trás

## Pretas Letras: o papel da biblioteca escolar na prática antirracista

*Black Letters: the role of the school library in anti-racist practice.*

**Gislene Sapata Rodrigues** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – gisleka@gmail.com

**Deise Roberta Garcia dos Santos Pereira** – Rede La Salle – dr.santospereir@gmail.com

**Vanessa Likoski Ramos** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – vanessalikoski@gmail.com

**Resumo:** O presente trabalho discute a descolonização dos saberes na biblioteca escolar por meio da mediação de leitura crítica e antirracista. Apresenta reflexões sobre Injustiça Epistêmica e Informacional e como as bibliotecas escolares podem proporcionar um acervo afrocentrado, amplo acesso à mediação de leitura literatura negra e periférica; o uso da contação de histórias com personagens para romper com a invisibilidade estrutural e ampliar o repertório dos estudantes

**Palavras-chave:** Literatura afro-brasileira. Literatura periférica. Mediação de leitura. Educação para as relações étnico-raciais. Bibliotecas Escolares.

**Abstract:** This paper discusses the decolonization of knowledge in the school library through critical and anti-racist reading mediation. It presents reflections on epistemic injustice, lack of information, and how school libraries can provide an Afrocentric collection, broad access to reading mediation of Black and peripheral literature; the use of storytelling with Black characters and "Black protagonism" to break with structural invisibility and expand students' repertoire. The articulation with Black authors and hip-hop artists legitimizes grassroots narratives and strengthens identity in the school environment.

**Keywords:** Afro-Brazilian literature. Peripheral literature. Reading mediation. Education for ethnic-racial relations. School libraries.



## 1 INTRODUÇÃO

Por trás da aparente democratização do conhecimento, esconde-se um fenômeno sofisticado e extremamente intencional: o apagamento da história negra que evidencia-se durante a vida escolar de crianças e jovens. Mais do que simples ausência, trata-se de uma um processo de injustiça informacional (Fricker, 2024) estruturada, que silencia conquistas, distorce narrativas e marginaliza legados. Durante séculos, a contribuição de povos africanos e afrodescendentes foi sistematicamente excluída dos livros, das salas de aula e das memórias oficiais. Em um cenário no qual o acesso à informação é uma arma poderosa, valorizar as informações relacionadas à história negra é, acima de tudo, um ato de resistência em prol da democracia e justiça social e epistêmica.

A expressão mais substancial dessa desinformação é a ausência de informações, posta ao refletirmos acerca de quem decide, por que decide e como decide quais informações serão preservadas e disseminadas, e quais serão ocultadas, negligenciadas. Mesmo que essas decisões não ocorram conscientemente é imprescindível observar que revelam os contornos de um sistema de informação/desinformação pautado em diferentes formas de injustiça, dentre as quais a injustiça epistêmica, termo cunhado por Miranda Fricker (2024) que se refere a uma forma específica de violência em que o indivíduo é prejudicado em sua capacidade enquanto sujeito de conhecimento devido a preconceitos estruturais e estereótipos de gênero, raça, sexualidade, enfim, marcadores específicos que colocam o indivíduo em uma posição social subalternizada. Assim enuncia também Coady (2010) que entende que as injustiças epistêmicas ocorrem quando o direito de saber de alguém é violado, devido uma ausência de uma distribuição equânime de bens epistêmicos, como informação e educação.

Nesse contexto, surge a biblioteca escolar, na qual existem (ou ao menos deveriam existir) serviços que disponibilizam informação, bem como promovem a leitura como importante subsídio para uma educação emancipadora e a formação de sujeitos críticos com repertório para pensar e atuar no mundo que os cerca. A biblioteca escolar é um espaço pedagógico pulsante e repleto de possibilidades para Moro e Estabel (2011, p.13)



a biblioteca saiu das quatro paredes, deixando de ser um castelo fechado em si mesmo e abrindo para a democratização do saber, a construção do conhecimento, transformando-se em um amplo espaço de aprendizagem e de compartilhamento e um prazeroso ambiente de mediação e de interação entre os sujeitos no cenário educacional (Moro e Estabel, 2011, p.13)

E essa interação ocorre em diversos aspectos, ao pensar em um Brasil tão marcado por injustiças raciais urge o papel das bibliotecas escolares na luta antirracista contra a injustiça informacional e apagamento da contribuição e história negra. Da composição do acervo literário e informativo, às ações de mediação de leitura, a escolha de histórias e de um repertório antirracista que valorize efetivamente as produções literárias feitas por pessoas negras, e/ou que apresentem personagens negros em posições diversas das socialmente esperadas pelo imaginário da branquitude, que segundo Bento (2022). A importância das bibliotecas escolares reside em colocar no centro a cultura e os modos de vida das pessoas negras, relegadas ao espaço de apagamento e marginalização contribuindo para a valorização e inserção no ambiente escolar de saberes negros. Além disso, é importante ressaltar que nas escolas da rede privada do Rio Grande Sul ainda existem muitos estudantes que são os “negros únicos” em suas salas de aula. Bento (2022, p.11) revela essa dor partilhada por estudantes negros nas escolas Brasil afora: “Por anos, me senti invisível na sala de aula, como se não fizesse parte daquele lugar”. Portanto, enaltecer e conhecer a literatura afro-brasileira também é uma forma de acolher e empoderar esses estudantes frente a episódios de racismo cotidiano uma vez que para Kilomba (2019, p.78)

O racismo cotidiano refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as Pessoas de Cor não só como "Outra/o" - a diferença contra a qual o sujeito branco é medido - mas também como Outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca.

Assim, o objetivo deste estudo é mostrar **quais as estratégias podem ser aplicadas pelas bibliotecas escolares para auxiliar no combate ao racismo e a promoção de uma igualdade racial no ambiente escolar.**

## 2 Injustiça Epistêmica na escola

O processo de colonização foi violento e degradou povos e culturas de forma tirânica com: o genocídio de povos negros e indígenas, dizimação de línguas e riquezas, exploração e extinção de espécies inteiras de fauna e flora. Em sua obra “Memórias da Plantação” a pensadora Grada Kilomba apresenta e repercute a opressão racial materializada em episódios cotidianos.



Grada usa como alegoria as memórias do “plantation”, ou seja, se refere aos episódios de violência na época da escravização durante a formação das colônias na América. Destaca-se o fato de que esses episódios seguem povoando a vida das pessoas negras e ganhando novos e cruéis contornos como a ausência de informações e apagamento. Os processos de exclusão de informações são resultado e ao mesmo tempo causa do epistemicídio definido por Santos (2010) durante o catastrófico processo colonizador.

Nesse processo, em que foi obrigado a esquecer suas raízes, o negro perde a sua identidade e é aliado do processo de produção de conhecimento, a sua racionalidade funciona apenas para trabalhar, se livrar dos açoitamentos e da morte e quando muito, se rebelar e fugir. Nesse processo o negro assimilou a língua do colonizador, a religião do colonizador, o sistema político e jurídico do colonizador, além da sua cultura” (Santos, 2010, p. 185).

O sequestro dos povos africanos com a posterior descaracterização de suas origens, apartando esses indivíduos de sua história pregressa, e mantendo-os sob a égide da exploração e desumanização, prossegue continuamente e se apoia no racismo estrutural (Almeida, 2019). O processo marginalização dos povos negros fundamenta-se no que denominamos colonialidade (Grosfoguel, 2016) a propagação e continuidade do pensamento colonial, ou seja, a ideia de superioridade dos brancos ante as demais civilizações, base fundamental do sistema de opressão racial no qual estamos inseridos. O processo de violência e afastamento das pessoas negras da sua episteme ocorreu em duas vias: de um lado corpos utilizados como mercadoria por mais de quatro séculos, no caso do Brasil, diversas formas de violência, e por outro um descrédito em relação aos saberes ancestrais e tecnologias já desenvolvidas por essas sociedades. Esse assalto segue com a concepção de que existem saberes validados, eurocêntricos e “corretos” a serem seguidos, ao passo que há um constante afastamento entre esses corpos e esses saberes até os dias atuais: desmonte da educação pública e gratuita, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a proporção de pessoas pobres no país era de 18,6% entre os brancos e praticamente o dobro entre os pretos (34,5%) e entre os pardos (38,4%) (Cavallini, 2022) pouca representatividade nos materiais didáticos, naturalização de violências racistas no contexto escolar, ausência de pessoas negras no corpo docente, falta de referências e referenciais acerca da participação intelectual de pessoas negras coadunam para ampliar ainda mais esse abismo quando



falamos de acesso à empregos melhor remunerados e acesso à espaços de poder e saber.

## 2.2 Ausências na educação das relações étnico-raciais

A Lei 10.639/03 (Brasil, 2003), que institui o ensino obrigatório da história e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio no Brasil, representa uma tentativa de uma virada decolonial na educação brasileira. Mais do que exigências burocráticas, esse dispositivo atua como fomento na concretização de políticas públicas essenciais para a afirmação da diversidade e para o combate ao racismo estrutural no ambiente escolar. No entanto, o conjunto de leis e transformações que propuseram a incidência da Educação para Relações Étnico-Raciais (ERER) não se efetivam de forma equânime e, muitas vezes, ocorrem de forma pontual no mês de novembro, em que apenas recentemente teve a instauração de feriado nacional no 20 de novembro, dia da Consciência Negra.

Quando a prática de sala de aula e o projeto político-pedagógico da escola excluem dos bancos escolares a Lei 10.639/03, e mantém o silêncio sobre a filosofia, a matemática e a tecnologia de matriz africana inviabilizando esses saberes, a escola reforça e contribui para a continuidade da injustiça epistêmica. Quando nas bibliotecas seguem inexistindo autores e autoras negras, temáticas da sociologia que abordem racismo e opressão racial, seguimos fomentando a desigualdade e acabamos por corroborar para a manutenção do *status quo*, uma sociedade racista.

Além das ausências nos currículos, muitos educadores acreditam, ainda, no mito da democracia racial, um sistema forjado que reveste o racismo no Brasil de uma pretensa igualdade, “Para muitos educadores, o descarte da palavra raça é a garantia de que uma educação igualitária está sendo propiciada, o que serve apenas para mascarar o racismo que também ocorre na escola” (Barros, 2005, p.7). As relações estabelecidas, ou não, na escola também são reflexo de uma tensão racial que se quer ocultar:

O silêncio se manifesta também, na relação aluno-professor, instâncias diretivas do aparelho escolar, nas atitudes dos pais dos alunos brancos e negros; no discurso ufanista sobre as relações raciais no Brasil, presente nos instrumentos didáticos, acoplada a uma representação humana superior. O silêncio tem como sub-produto a produção de um tipo de esquizofrenia ou



suposição de paranoia dos alunos negros, posto que ele vive e sente um problema que ninguém reconhece (Carneiro, 2005, p.115)

A escola torna-se também espaço de dor e traumas para estudantes negros que sofrem racismo, materializado nas ausências que se configuram na cruel face da injustiça epistêmica e nas dolorosas efetivas violências racistas e, assim, transformam o espaço escolar em um local de sofrimento. Djamila Ribeiro aborda em sua obra “Pequeno Manual Antirracista” como era sua percepção de sentir-se deslocada e vítima de violência racista no ambiente escolar, em contraponto sobre a total falta de necessidade das pessoas brancas em pensar na sua condição racial, marcada pelo privilégio:

O mundo apresentado na escola era o dos brancos, no qual as culturas europeias eram vistas como superiores, o ideal a ser seguido. Eu reparava que minhas colegas brancas não precisavam pensar o lugar social da branquitude, pois eram vistas como normais: a errada era eu. Crianças negras não podem ignorar as violências cotidianas, enquanto as brancas, ao enxergarem o mundo a partir de seus lugares sociais — que é um lugar de privilégio — acabam acreditando que esse é o único mundo possível. (Ribeiro, 2019, p.12)

Diante de tantos desafios, é imprescindível que a biblioteca escolar possa se caracterizar em um espaço aliado da luta antirracista. É necessário que os bibliotecários proponham ações de mediação de leitura, concepção de acervo, ações culturais que promovam uma biblioteca escolar antirracista.

### **2.3 A mediação de leitura: importância dos bibliotecários escolares na promoção da equidade racial**

Os bibliotecários escolares ao efetivarem as funções de processamento técnico, gestão se deparam com um importante (e delicioso) desafio: contribuir para a formação de leitores do público escolar. A complexa tarefa é permeada por meandros específicos das bibliotecas escolares: público em diferentes momentos de leitura, crianças, jovens e adultos, gostos pessoais, incentivo das famílias, necessidades especiais educacionais, questões que devem ser consideradas ao propor ações de formação de leitores. Entretanto a considerar, os bibliotecários escolares têm diante de si um trunfo: a leitura por fruição, a possibilidade de extrapolar textos trabalhados em sala de aula, pois não atribuem conceitos e notas, mas podem ser excelentes aliados dos professores e equipe pedagógica em despertar o prazer pela leitura.



Muitos bibliotecários têm um espírito um tanto libertário. Sua profissão se constituiu em parte distinguindo-se da do professor e a ideia de monitorar o leitor, de lhe impor qualquer coisa, ofende a muitos deles. Os jovens percebem muito bem esta especificidade. E se vêm à biblioteca para fazer suas tarefas estabelecem com muita clareza a diferença entre a escola, vista como lugar de obrigação e a biblioteca como terra de liberdade, de eleição. (Petit, 2009, p.168)

Sendo a biblioteca escolar esse território da eleição torna-se um espaço vivo de liberdade e emancipação, o profissional atua como o anfitrião conduzindo os leitores de acordo com seus anseios e gostos compreendendo os tempos e a maturidade leitora dos leitores, entendendo o processo como contínuo e intencional.

Essa tarefa de mediação exige sensibilidade para realizar uma escuta ativa do público, compreendendo seus gostos, anseios, identidades e vivências. Ao mesmo tempo, demanda um olhar decolonial sobre o próprio acervo para identificar as histórias e trajetórias historicamente silenciadas. É a partir desse reconhecimento, tanto do sujeito quanto da obra, que se promove o encontro transformador entre o leitor e o livro, consolidando a biblioteca como um espaço de acolhimento, representatividade e letramento racial na prática. Martins (2024) ressalta que a bibliodiversidade, livros que contemplem diferentes vozes e pontos de vista, é fundamental para mover nossas formas de ser, estar e transformar a sociedade com um olhar crítico e antirracista.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia consistiu na leitura de artigos e textos sobre a mediação de leitura antirracista. Na segunda etapa, foram coletadas informações sobre o acervo e as percepções das bibliotecárias sobre a inserção de obras de autoria negra. O estudo é um relato de experiência apresentando conexão entre informações oriundas do catálogo online da biblioteca e observação das autoras do estudo.

A biblioteca escolar Lassalleoteca situa-se em Porto Alegre/RS e atende 2.031 estudantes da Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio. A biblioteca é composta por 27.702 exemplares e tem a média mensal de 2.500 empréstimos mensais. A Lassalleoteca é o centro de leitura, estudo e pesquisa do La Salle Santo Antônio, pensada para atender às necessidades de informação da comunidade antoniana, assim como fomentar a pesquisa escolar e dedicar um olhar especial de incentivo à leitura em todos os níveis de ensino. Integrante da REDEBILA -Rede de



Bibliotecas Lassalistas - criada com o intuito de compartilhar os recursos e os serviços, buscando a padronização e a excelência no atendimento das bibliotecas das escolas da Rede La Salle.

Em 2025, o espaço foi completamente reformado, reforçando o compromisso da Missão Lassalista em avançar por um caminho de excelência educacional, em um moderno ambiente capaz de proporcionar aos estudantes inúmeras possibilidades em sua formação leitora e no uso competente da informação.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A descolonização do acervo é um processo complexo com a ampliação de livros sobre a temática negra e afro diaspórica. A seleção de materiais, consulta a sites e redes sociais de editoras, análise de obras e por fim, a elaboração de listas de aquisição com títulos de literatura negra, autores negros e afrodiaspóricos e literatura periférica com o intuito de ampliar a presença de tais vozes no acervo da biblioteca realizadas continuamente pelas bibliotecárias possibilita essa inserção de itens no acervo.

Outro ponto importante: a biblioteca tem verba mensal destinada à aquisição do acervo que oportuniza a renovação, inserção de lançamentos, livros premiados e compra contínua de itens sobre a temática. Somado a isso, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, principal universidade do estado, possui um vestibular muito tradicional que nos últimos anos incorporou na lista de leituras obrigatórias nomes como Jefferson Tenório, José Falero, Conceição Evaristo, Chimanada Ngozie, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Paulina Chiziane que conseqüentemente ampliaram as leituras de autores negros e periféricos e isso se reflete no acervo, uma vez que adquirimos 1 livro a cada dez estudantes que adotam esses títulos em sala de aula.

Além disso, a mediação de leitura de autores negros, disseminação de obras literárias afrocentradas entre os professores, também aumentaram o contato dos professores com obras que não estão no cânone e em 2024 as turmas de 9º leram o livro “Linhas de Cura” da rapper, apresentadora Negra Jaque, que inclusive além do bate papo com sessão de autógrafos promoveu um show no recreio da escola, embalando os estudantes com suas letras reflexivas e ritmadas.

Observamos também que após o caso de George Floyd nos Estados Unidos se ampliaram muito os debates na escola e passamos a receber muitas solicitações de



contação de histórias para as infâncias, oficinas literárias, saraus literários com temáticas de literatura africanas e afro-brasileiras. Em algumas oportunidades, a bibliotecária Gislene que é uma mulher negra, e estudiosa da temática ofereceu formação para professores sobre letramento racial na escola.

Por fim, a presença efetiva de artistas e autores negros na escola promovendo oficinas de *slam*, atividades pedagógicas com foco em literaturas periféricas e movimento Hip-Hop, palestras sobre eventos sobre episódios apagados da história do Rio Grande do Sul como o Massacre de Porongos, proposição de jogos sobre a temática afrobrasileira em Porto Alegre. Ademais, a biblioteca promove junto a outros setores da escola a participação em atividades antirracistas como o projeto de Percurso negro proposto pelos professores com as turmas de 6º ano *in loco* em territórios negros da cidade de Porto Alegre, e rodas de conversa sobre racismo promovidas pelo Grêmio Estudantil da escola (GESA).

Como resultados obtivemos uma maior visibilidade da cultura negra, além disso as atividades ampliaram o repertório cultural e de mundo dos estudantes reconhecendo a diversidade étnico-racial como fundante de diversas manifestações culturais que esses estudantes consomem e apreciam.

As mediações de leitura são constantes, exposições de livros de autoria negra, com protagonismo de personagens negros, possibilitam visibilidade e reconhecimento à contribuição negra num cenário de injustiça epistêmica. Durante o ano, muitas famílias visitam a escola e várias externam o fato de observarem a existência de um acervo afrocentrado externando a importância dessa presença na formação dos estudantes, e a garantia de que as vozes das pessoas negras estão presentes no acervo da biblioteca, a existência de protagonistas negros nos livros descontroem o imaginário simbólico que pauta as vivências negras dentro de um espectro de subserviência e sofrimento.

A divulgação dos títulos e entre os professores também possibilitou adotar escritores negros como Conceição Evaristo (Figura 1), José Falero, Júlio Emílio Braz e Negra Jaque que conseguimos viabilizar a presença para bate-papo literário com os nossos estudantes, já que reconhecer a intelectualidade de pessoas negras é um passo para combater em algum grau o processo de epistemicídio (Santos, 2023) sofrido pela população negra na formação do Brasil. Em uma escola em que a maioria dos estudantes são brancos proporcionar momentos de apreciação da produção intelectual, de



admiração por personalidades negras é basilar na construção de uma sociedade antirracista.

Além disso, a biblioteca tem proporcionado importantes debates pois o Rio Grande do Sul é um estado no sul do País marcado por uma herança racista em que a contribuição dos negros foi sumariamente apagada com o enaltecimento das populações alemãs e italianas que imigraram por meio de política de povoamento (e branqueamento) proposta pelo governo brasileiro em meados do século XIX. Em setembro, mês em que se celebra a Revolução Farroupilha já oportunizamos a palestra com o professor Juremir Machado, jornalista e pesquisador sobre o Massacre de Porongos, arquitetado pelos oficiais farroupilhas em que os lanceiros negros, pelotão formado por homens negros que lutavam com a promessa de alforria, foram mortos covardemente no episódio da traição de Porongos. Sobre o tema já trouxemos hora do conto e encontro com a autora Angela Xavier que produziu um livro infantil sobre a temática.

E por fim, a cada ano a biblioteca tem ampliado a presença de artistas negros para atividades como oficinas sobre os elementos do Hip-Hop, shows e roda de *slam* atividades de valorização da cultura periférica que promovem momentos de apreciação, reflexão e tocam em feridas profundas na sociedade racista em que vivemos, onde a arte é também espaço de denúncia.

**Figura 1** – Aquele abraço



Fonte: Arquivo Pessoal



Descrição: trata-se de uma foto na qual a escritora brasileira Conceição Evaristo está abraçada por quatro jovens pessoas, estudantes do ensino médio, na Feira do Livro de Porto Alegre

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biblioteca escolar é um espaço vivo, capaz atuar na descolonização dos saberes através da mediação de leitura, ação cultural e formação de leitores com um viés antirracista. Possibilitar ampliar a potência da literatura negra e periférica rompendo com uma invisibilidade estrutural, ressignificando o repertório dos estudantes é uma missão do bibliotecário escolar. A presença física e simbólica de autores negros e artistas do hip-hop no ambiente escolar legitima as narrativas pretas transformando a palavra em instrumento de identidade e emancipação. Assim, a biblioteca se consolida não apenas como acervo, mas como território de acolhimento, representatividade e letramento racial na prática.

Conclui-se que essas ações são primordiais para construir uma sociedade antirracista, pois conforme Bento (2024, s.n)

Nem todos os brancos vivem uma situação de privilégio econômico, histórico, mas é bem importante a gente pensar que a branquitude coloca as pessoas numa condição de naturalizar esse privilégio de tal maneira que ser um antirracista tem um custo que precisa ser visto para a pessoa que assim se define.

As próximas etapas do trabalho consistirão na coleta de impressões dos estudantes e professores e coordenação pedagógica sobre a importância da biblioteca escolar Lassalleoteca na consecução de práticas antirracistas e que valorizem e ampliem o repertório dos estudantes no que tange à valorização de textos de autoria negra, saberes afro diaspóricos, africanos e negro-brasileiros, com propósito de entender a percepção da comunidade escolar sobre essas ações promovidas pela biblioteca bem como pela composição do acervo.

Ser um antirracista significa reconhecer que existe uma herança de desigualdades e que a construção de uma sociedade mais justa e igualitária passa por uma reflexão e inserção da EREER nas bibliotecas, como formação continuadas dos bibliotecários escolares e pela certeza de que todos os esforços empreendidos em tornar a biblioteca escolar em um território de luta antirracista é semente potente na valorização nas narrativas, histórias e memórias do povo preto.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen; Sueli Carneiro, 2019.

BARROS, Zelinda. Escola, racismo e violência. In: COSTA, Ana Alice Alcântara (org.) et al. **Projeto gênero, raça e cidadania no combate à violência nas escolas**: caderno para professores. Salvador: NEIM/UFBA, 2005. p. 35-39. Disponível em: <https://abrelink.me/ajS>. Acesso em: 4 abr. 2026.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

\_\_\_\_\_. Bento propõe que você coloque o dedo na ferida: 'Branquitude e masculinidade são visão de mundo, são escolhas'. [Entrevista cedida a] Natasha Cortês. **Marie Claire**, 25 jul. 2024. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/cultura/noticia/2024/07/cida-bento-propoe-que-voce-coloque-o-dedo-na-ferida-branquitude-e-masculinidade-sao-visao-de-mundo-sao-escolhas.ghtml>. Acesso em: 4 abr. 2026.

BRASIL. [Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003]. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 10 mar. 2026.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>.

CAVALLINI, Marta. Proporção de pretos e pardos entre os pobres chega ao dobro em relação aos brancos, mostra o IBGE. **G1**, Rio de Janeiro, 11 nov. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/11/11/proporcao-de-pobres-pretos-e-pardos-chega-ao-dobro-em-relacao-aos-brancos-mostra-o-ibge.ghtml>. Acesso em: 20 abr. 2026.

COADY, David. Two Concepts of Epistemic Injustice. **Episteme**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 101-113, 2010. DOI: 10.3366/E1742360010000845. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/159500354/Coady-Two-Concepts-of-Epistemic-Justice>. Acesso em: 16 abr. 2026.

FRICKER, Miranda. **Injustiça epistêmica**: o poder e a ética do conhecimento. São Paulo: Edusp, 2024.

GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, jan./abr. 2016.



Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt>. Acesso em: 26 jul. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leoneide Maria Brito. A Biblioteca Escolar como espaço de educação antirracista: a formação de acervos literários com representatividade étnico-racial. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 30., 2024, Recife. **Anais...** Recife: FEBAB, 2024.

MORO, Eliane Lourdes; ESTABEL, Lizandra. **Biblioteca escolar**: presente! Porto Alegre: Conselho Regional de Biblioteconomia da 10ª Região, 2011.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2009.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. Disponível em: <https://www.iciet.fiocruz.br/sites/www.iciet.fiocruz.br/files/Epistemologias%20do%20Sul.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2026.

